

RESUMO

Prof.^a Dr.^a. Almerinda da Silva Lopes
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Arte Conceitual: Ativismo Político e Marginalidade.

A crise das vanguardas e a mudança do epicentro artístico da Europa para os Estados Unidos foram fatores que contribuíram para as profundas mudanças no sistema e no estatuto da arte. Esta enveredava pela experimentação, tornava-se fragmentária, híbrida e efêmera, de modo especial a partir da metade da década de 1960.

A situação adversa imposta ao nosso país pelo regime militar - principalmente após a promulgação do AI-5, quando se acentuou a interferência da censura sobre a produção artístico-cultural - não iria interromper a catálise criativa. Nem mesmo a marcação cerrada e a perseguição imposta aos jovens artistas conseguiriam enfraquecer a fertilidade, a singularidade e a diversidade de proposições poéticas, pois, para eles, produzir arte equivalia a fazer política.

A efervescência criativa foi de tal ordem que mesmo no ambiente cultural periférico e retrógrado do Espírito Santo, onde a pintura e a escultura convencional ainda dominavam a cena artística, um irreverente grupo de jovens, entre os quais vale destacar: Paulo Herkenhoff, Alberto Harrigan, Atilio Gomes Ferreira (ou Nenna) e Pedro Philho (Pedro José Rodrigues Filho), se mostrariam afinados com o pensamento artístico internacional e com as novas modalidades expressivas engendradas por uma geração de ativistas brasileiros. Promoveram no início dos anos 70, ações artísticas que criticavam ou satirizavam a própria realidade e se imbuíam de forte sentido ideológico. Primeiro em Vitória e depois no Rio de Janeiro - para onde se transferiram temporária ou definitivamente, em busca de melhores condições para produzir, serem aceitos e reconhecidos - esses jovens buscaram imprimir novos rumos à arte, negando os paradigmas e os modelos herdados do passado. Para realizar as respectivas ações de caráter experimental ou conceitual, recorreram a materiais precários: textos de jornal, colagens e carimbos, e transformaram o corpo e o entorno em suporte ou meio artístico.

Refutaram igualmente o mercado e o significado dos espaços culturais como veículos de difusão e de legitimação da arte, transformando ruas, praças e outros espaços públicos em locais privilegiados para a realização de ações individuais ou coletivas. Até porque a produção experimental por eles propugnada se potencializava e se completava por meio da interação e participação do público, que de uma posição passiva ou contemplativa se tornava agente participativo e ativo, o que não deixava de ter um sentido transformador e político. A comunicação se concentrará na reflexão das ações conceituais dos jovens artistas capixabas, entendidas como marginais, e dotadas de alto teor político, além de tornarem difusos os conceitos de popular e erudito, imporem à arte a condição de efêmera, desbancando o estatuto da perenidade e romperam as fronteiras entre arte e vida.